

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO-CAMPUS XIV**

AILA MOTA DA SILVA

**DESAFIOS PROTAGONIZADOS PELOS PROFESSORES DE
HISTÓRIA DO ENSINO PÚBLICO NO MUNCÍPIO DE RIACHÃO
DO JACUÍPE**

**CONCEIÇÃO DO COITÉ-BA
AGOSTO/2014**

AILA MOTA DA SILVA

**DESAFIOS PROTAGONIZADOS PELOS PROFESSORES DE
HISTÓRIA DO ENSINO PÚBLICO NO MUNICÍPIO DE RIACHÃO
DO JACUÍPE**

Monografia apresentada ao Departamento de Educação, Campus XIV, Curso de Licenciatura em História, como instrumento de avaliação final para obtenção do grau de Licenciado em História.

Professor Orientador: Ms. Antonio Vilas Boas.

**CONCEIÇÃO DO COITÉ-BA
AGOSTO/2014**

AILA MOTA DA SILVA

**DESAFIOS PROTAGONIZADOS PELOS PROFESSORES DE
HISTÓRIA DO ENSINO PÚBLICO NO MUNICÍPIO DE RIACHÃO
DO JACUIPE**

Monografia apresentada ao Departamento de Educação, Campus XIV, Curso de Licenciatura em História, como instrumento de avaliação final para obtenção do grau de Licenciado em História.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Antonio Vilas Boas, Orientador
Universidade Estadual de Feira de Santana

Conceição do Coité, ____ de _____ de 20__.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por mais essa conquista.

A minha família pela base educacional que me proporcionou ter.

A meu esposo pelo apoio e incentivo constante.

Ao meu Orientador, Prof. Antônio Vilas Boas, que teve papel fundamental na elaboração deste trabalho.

Aos professores da Universidade do Estado da Bahia, Campus XIV que colaboraram para a minha formação.

A todos os meus colegas de Curso por todos os momentos vivenciados juntos.

A Cleide e Zany, o agradecimento especial por compartilhar os momentos difíceis dessa jornada, tornando-os mais leves.

A educação é a arma mais
poderosa que você pode usar para
mudar o mundo.

Nelson Mandela.

RESUMO

Este trabalho consiste numa discussão sobre os desafios enfrentados pelos professores de História das escolas públicas do município de Riachão do Jacuípe, interior baiano. Realizado a partir de entrevistas estruturadas e semiestruturadas, assim como das observações realizadas durante as aulas dos professores selecionados para a investigação, esta investigação possibilitou o nosso contato com as realidades vivenciadas pelos professores de História durante as suas aulas, acompanhando os seus dilemas, tensões e obstáculos que interferem no cotidiano fazendo com que muitos deles não se sintam mais estimulados a continuar lecionando, enquanto que outros docentes nem sequer pensam nesta possibilidade. Teoricamente, fizemos uso das leituras de LIBÂNEO (1994); SOUZA (2007); CERRI (2011); CASTRO (2001); LOURO (1998); TARDIF (2002); PRETTO (1996); PCNs (1998).

Palavras-chave: Escola Pública. Ensino de História. Professores de História.

ABSTRACT

This paper is a discussion of the challenges faced by history teachers in public schools from Riachão Jacuípe, Bahia interior. Made from structured and semi-structured interviews, and the observations made during the classes of teachers selected for investigation, this investigation led us to our contact with the realities experienced by history teachers during their classes, following their dilemmas, tensions and obstacles that interfere with daily life causing many of them no longer feel encouraged to continue teaching, while other teachers do not even think about this possibility. Theoretically, we made use of the readings LIBÂNEO (1994); SOUZA (2007); CERRI (2011); CASTRO (2001); BAY (1998); TARDIF (2002); PRETTO (1996); PCNs (1998).

Keywords: Public School. Teaching of History. History teachers.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | | |
|-----------|---|----|
| Gráfico 1 | Número de profissionais do magistério por sexo. | 17 |
| Gráfico 2 | Professores por faixa etária | 18 |
| Gráfico 3 | Interesse pela docência | 19 |
| Gráfico 4 | Optantes pela docência segundo sexo | 20 |
| Gráfico 5 | Professores e a satisfação com a profissão escolhida | 34 |
| Gráfico 6 | Professores e o sentimento de valorização pelo seu trabalho | 36 |
| Gráfico 7 | Professores e a pretensão em continuar exercendo a docência | 37 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 09 |
| 1. A GÊNESE DA DOCÊNCIA NO BRASIL | 12 |
| 1.1. DOCÊNCIA E OS DIAS ATUAIS | 16 |
| 1.1. A DOCÊNCIA EM HISTÓRIA E SUAS DIFICULDADES | 21 |
| 2. PROFESSORES DE HISTÓRIA DE RIACHÃO DO JACUÍPE: DESAFIOS | 26 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 38 |
| REFERÊNCIAS | 40 |

INTRODUÇÃO

Atualmente são cada vez mais frequentes as reportagens dando conta dos problemas enfrentados por professores e professoras no desempenho cotidiano de suas funções: agressões físicas, ofensas verbais, ameaças, indisposições etc., são algumas das situações que usamos para exemplificar e mostrar o quão difícil tem sido para os educadores o trabalho nas escolas e, por conseguinte, no universo das salas de aulas.

Associado aos tipos de violências acima citados, adicione-se às dificuldades enfrentadas no trabalho didático-pedagógico e direcionado para a construção das aprendizagens: dificuldades com leituras, histórico de escrita insuficiente e falta de habilidade na interpretação dos textos, dentre outras, demonstram o quão complexo se constitui, cada vez mais, o campo da educação e, como tal, o desafio de executar o trabalho docente.

Como se não bastasse, os professores são obrigados a cumprir carga horária exaustiva recebendo, em contrapartida, salários aviltantes o que leva muitos desses profissionais a trabalharem em vários lugares e, em muitos deles, em funções que se distanciam da atividade docente.

Todo esse conjunto de situações acima relacionado faz com que muitos daqueles que escolheram a docência como campo de atuação já não consigam visualizar perspectivas mais animadoras, salientando a decepção em exercerem a profissão, sendo que muitos deles, a depender da idade e do tempo de serviço, acenam com a possibilidade de mudança de área.

A insatisfação se torna maior à proporção que os professores percebem a distância existente entre os discursos dos nossos governantes e os espaços escolares. As promessas feitas com vistas à resolução dos problemas relacionados à educação diminuem de intensidade após a assunção do governante ao poder. Daí em diante, o que se ouve e vê são discursos e investidas que tentam justificar a falta de atuação do poder público, ou quando não, criar realidades inexistentes.

Todos esses problemas afetam as escolas nos seus mais diversos níveis e instâncias, mas, na maioria das vezes, aquelas de caráter municipal

sofrem um descaso ainda maior, pois os prefeitos põem a culpa da precariedade no Estado, que por sua vez alega ter disponibilizado os recursos para as instituições escolares. Neste vai e vem de explicações, o ano letivo chega ao final com os mesmos problemas enfrentados desde o instante da abertura da primeira unidade.

O interesse por um tema desta natureza surgiu a partir da minha atual condição de estudante do Curso de Licenciatura em História, de uma instituição superior e pública de ensino e, portanto, almejando inserir-me no campo da educação e mais especificadamente na área de ensino de História. Ciente disso é que resolvi procurar conhecer um pouco mais acerca das dificuldades enfrentadas pelos professores de História quando do exercício de suas atividades profissionais, bem como os mecanismos utilizados por estes para tentar minorá-las, ou quiçá saná-las, e de fato conseguir construir conjuntamente com seus alunos a tão almejada aprendizagem.

Surge, então, uma indagação: quais são os principais obstáculos enfrentados pelos professores, especificadamente os de História, quando do desenvolvimento das suas aulas em escolas públicas?

Como o nosso espaço de atuação, depois da conclusão da graduação em História, será o espaço da educação pública, esta investigação foi desenvolvida a partir das entrevistas realizadas com professores desse universo de ensino. Paralelo às entrevistas, utilizamos também as análises decorrentes das observações realizadas durante as aulas de História de alguns desses professores, durante o desenvolvimento dos componentes curriculares Estágio Supervisionado I, II, III e IV.

Em seguida, foi feita uma entrevista através de questionários, respondidos por alunos do ensino médio estudantes de escolas públicas, também no município de Riachão do Jacuípe, com o intuito de conhecer suas expectativas profissionais após o término do ensino médio, observando seu interesse para com a profissão docente.

Assim, objetivamente procuramos investigar as principais dificuldades enfrentadas pelos professores de História das escolas públicas de ensino fundamental/médio de Riachão do Jacuípe.

Para dar conta dessa nossa pretensão, especificadamente, tivemos que:

- a) conhecer a rotina dos professores de História das escolas públicas de ensino fundamental/médio de Riachão do Jacuípe;
- b) observar a atuação dos professores de História em sala de aula;
- c) questionar os professores de História acerca do que eles consideram as maiores dificuldades no exercício da função.

Durante essa empreitada, compartilhamos as nossas inquietações com as leituras de: LIBÂNEO (1994); SOUZA (2007); CERRI (2011); FRANCISCO e NACARATO (2009); CASTRO (2001); LOURO (1998); TARDIF(2002); PRETTO (1996); PCNs (1998).

Este trabalho será organizado em dois capítulos. No primeiro deles, dividido em três tópicos, discutimos a respeito da gênese da docência, quando a mesma surge no Brasil e a docência em História e suas dificuldades. No segundo capítulo, trabalhamos com as experiências de vida dos sujeitos participantes desta pesquisa, ou seja, os professores de História que trabalham no ensino público, no município de Riachão do Jacuípe, observando e tecendo considerações a respeito de seus anseios e frustrações para com a sua profissão.

1. GÊNESE DA DOCÊNCIA NO BRASIL

Ao se falar sobre a profissão docente, bem como das dificuldades enfrentadas por aqueles que escolheram esse ofício, não podemos deixar de estudar o surgimento desta profissão, que é considerada como “uma das mais antigas ocupações modernas, tão antiga quanto a medicina e o direito” (TARDIF; LESSARD, 2013, p.21). Mas, a gênese da profissão não deve ser confundida com as atividades de ensino, diferenciação essa feita por Penin, quando afirma que:

A atividade de ensino é tão antiga quanto à vida humana, mas o professor somente apareceu como profissional do ensino a pouco mais de 300 anos, no século XVIII, nas lutas por democratização empreendida pela burguesia revolucionária (PENIN, 2009, p. 02).

Durante mais de três séculos (1500-1822), o Brasil foi uma colônia de Portugal e, como tal, sujeita aos ditames e ordens emanadas da Metrópole portuguesa. Como colônia de exploração, os portugueses trataram de extrair das terras brasileiras tudo aquilo que fosse sinônimo de riqueza, um dos objetivos principais do projeto de colonização.

O projeto colonizador desenvolvido pelo Estado português teve a participação fundamental da Igreja Católica, instituição responsável por promover a catequese entre os nativos com vistas a assegurar o predomínio da fé cristã, combatendo os infiéis e, paralelo a isso desenvolver a educação escolar.

Ghiraldelli Jr (2009) distingue três fases, na época colonial, do processo educacional no Brasil e que nos ajuda a entender o papel do professor. A primeira delas vai de 1549 a 1759 que ele destaca como sendo aquela caracterizada pela predominância dos jesuítas.

Como tinha em suas mãos a educação das pessoas, o ‘controle das almas’ era um instrumento muito eficaz para veicular a ideia geral de obediência e mais restritamente de obediência ao poder do Estado. O papel da Igreja não se limitava a isso. Ela estava presente na morte e vida das pessoas, nos episódios decisivos do nascimento, casamento e morte [...] (FAUSTO, 2012, p.29).

Nessa estreita relação estabelecida entre o Estado e a Igreja, durante boa parte do período colonial, a educação escolar, por estas terras, ficou a cargo da Companhia de Jesus, instituição religiosa fundada em 1534, por Santo Inácio de Loyola. Aqui, o padre Manuel da Nóbrega foi um dos responsáveis pelo trabalho educativo-religioso.

No período de mais de duzentos anos que estiveram à frente da educação escolar em terras brasileiras, o ato de ensinar coube praticamente aos religiosos da Companhia de Jesus, salvo àqueles momentos em que as famílias eram as responsáveis pelas primeiras letras, mas ainda assim, o exercício da atividade professoral cabe a alguém do seio da própria família do educando.

Um dos objetivos da educação jesuítica era a de formar outros padres e mestres católicos com o intuito de garantir, posteriormente, a propagação da fé cristã e as atividades de ensino, por isso podemos afirmar que uma das primeiras representações em relação à docência no Brasil é aquela caracterizada na figura do sexo masculino-católico.

Sejam eles padres, pastores ou irmãos, esses religiosos acabam por constituir umas das primeiras e fundamentais representações do magistério Modelos de virtudes, disciplinados, disciplinadores, guias espirituais, conhecedores das matérias e das técnicas de ensino, esses primeiros mestres devem viver a docência como um sacerdócio, como uma missão que exige doação. Afeição e autoridade, bom senso, firmeza e bondade, piedade e saber profissional são algumas das qualidades que lhes são exigidas. Seu papel de educador combina o exercício de uma "paternidade, uma magistratura, um apostolado e uma luta" (assim determina, por exemplo, o *Guide des Écoles*, texto de orientação dos antigos mestres maristas, ainda hoje em uso). Ainda que as modificações sociais que se seguem transformem, sem dúvida, essa representação de magistério, a referência parece ter permanecido (LOURO, 1997, p.92-93).

Percebe-se então que a profissão de educador inicialmente fora representada somente pela figura masculina, através dos religiosos portugueses e dos que aqui se formaram. Uma figura que deveria ser exemplar e por isso cobrar comportamentos semelhantes, impondo situações que controlavam até o próprio corpo dos meninos (LOURO, 1997).

Diante da sociedade eram vistos como exemplos a serem seguidos, responsáveis por aplicar regras que determinavam até mesmo o modo de sentar ou movimentar dos seus alunos, situação que segundo Louro (1997) viria a ser copiada pelas mulheres-professoras quando passaram a lecionar para as meninas.

A segunda fase do processo educacional brasileiro destacada por Ghiraldelli Jr (2009) é o momento posterior a 1759 e tem início com a expulsão dos religiosos da Companhia de Jesus e a assunção da educação pelo Estado, num processo capitaneado pelo Marques de Pombal.

As reformas educacionais implementadas em território português, pelo Marquês de Pombal, tiveram imediata ressonância em terras da América Portuguesa, especificadamente no Brasil, tendo consequência mais imediata a expulsão da Companhia de Jesus. As reformas tinham como objetivo...

[...] adaptar aquele país e suas colônias às transformações econômicas, políticas e culturais que ocorriam na Europa. No campo cultural, o que se queria era a implementação em Portugal de ideias mais ou menos próximas do Iluminismo (GHIRALDELLI JR, 2009, p. 25).

Os reflexos das mudanças pombalinas provocaram a configuração de outro quadro no que tange a mão de obra para o ensino. Em Portugal, por exemplo, há exigências de formulação de outros currículos, implicando em novas técnicas pedagógicas e outro processo de formação do professor.

A partir do final do século XVIII não é permitido ensinar sem uma licença ou autorização do Estado, a qual é concedida na sequência de um exame que pode ser requerido pelos indivíduos que preencham certo número de condições (habilitações, idade, comportamento moral, etc.). Este documento constitui um verdadeiro suporte legal ao exercício da atividade docente, na medida em que contribui para a delimitação do campo profissional do ensino e para a atribuição ao professorado do direito exclusivo de intervenção nesta área (NOVOA, 1995, p. 17).

. No Brasil, as decisões do Primeiro Ministro de Estado Português provocaram uma desarticulação do ensino incidindo no fim do curso básico de humanidades, ficando em seu lugar as aulas régias. Os professores agora

teriam que organizar as classes, os locais de trabalho e requisitar do governo o pagamento das aulas (GHIRALDELLI JR, 2009, p. 27).

A terceira e última fase destacada por Ghiraldelli Jr (2009) é aquela caracterizada pela presença de VI no Brasil em decorrência das pressões de Napoleão Bonaparte e a sua decisão de instituir o conhecido Bloqueio Continental. Nesse período muitas mudanças foram feitas com o intuito de atender as necessidades da Corte que ora se instalava no Brasil, por isso tivemos a criação de várias instituições, principalmente na Bahia e no Rio de Janeiro.

Consoante à estruturação do ensino, ele foi dividido em três níveis: primário, secundário e superior, cada qual com as suas funções e públicos específicos. A proporção que se passava de um para o outro a tendência era de que uma quantidade mínima de pessoas cursasse o nível subsequente.

A criação de cursos e até mesmo de leis que pareciam dar novos ares à educação brasileira não encontrava respaldo na prática, pois “manteve-se o descompasso entre às necessidades e os objetivos propostos” (GHIRALDELLI JR, 2009, p. 27). O quadro de professores, por exemplo, era insuficiente para atender a demanda de alunos e o ensino acontecia, muitas das vezes, pela ajuda entre os alunos, pois “os menos adiantados ficavam sob o comando de alunos-monitores, e estes, por sua vez, eram chefiados por um inspetor de alunos, que mantinha contato com um professor” (GHIRALDELLI JR, 2009, p. 27).

Mas, se o quadro acima descrito revela o quanto o país era carente de professores, os poucos que ainda ensinavam para a fatia mais pobre da população não possuíam uma boa formação (LOURO, 2012, p.449).

Porém, ainda na metade do século XIX ocorreram algumas modificações no campo da educação, fruto doutras transformações vivenciadas naquele momento, como o processo de imigração, urbanização, dentre outras. Uma dessas mudanças foi a crescente entrada de mulheres no universo das salas de aulas, uma inserção, diga-se de passagem, inicialmente conflituosa.

A entrada das mulheres no exercício do magistério, no Brasil, se dá ao longo do século XIX; no início, de forma lenta, porém depois intensivamente. Mas essa não foi de modo nenhum uma entrada tranquila. Objeto de muitos debates e contestações, a possibilidade de mulheres exercerem o magistério foi, como se sabe, contestada

através de diferentes discursos. Especialmente a partir do momento em que, com a abertura das escolas normais, as moças passaram a constituir uma presença muito maior que o desejado. Os apelos para conter a massa feminina se multiplicaram, ancorando-se, principalmente, no discurso de grande credibilidade à época (NUNES, 2012, p.10)

No entanto foram as mulheres da classe média quem ocuparam o espaço da docência de forma mais intensa, pois nesse momento devido a demanda de mão de obra ocasionada pela industrialização, as mulheres das classes sociais mais baixas já tinham ingressado no mundo do trabalho, em fábricas ou indústrias, como operárias. É nesse momento devido ao crescimento industrial e ao grande fluxo de urbanização que os homens passam a se afastar do magistério, partindo para outras profissões dando espaço para as mulheres.

Após a inserção da presença feminina no magistério, este passa por algumas mudanças. As funções eram diferenciadas para cada sexo: as mulheres ensinavam as meninas e os homens apenas a meninos. Porém mais tarde começa-se a pensar que se a mulher estava apta a educar seus filhos, fosse ele do sexo feminino ou não, ela teria condições de lecionar para ambos os sexos. A respeito desse assunto Louro diz que:

As professoras são compreendidas como mães espirituais- cada aluno ou aluna deve ser percebido/a como seu próprio filho ou filha. De algum modo, as marcas religiosas da profissão permanecem, mas são reinterpretadas e, sob novos discursos e novos símbolos, mantém-se o caráter de doação e de entrega que já se associava à atividade docente (LOURO, 1998, p.97).

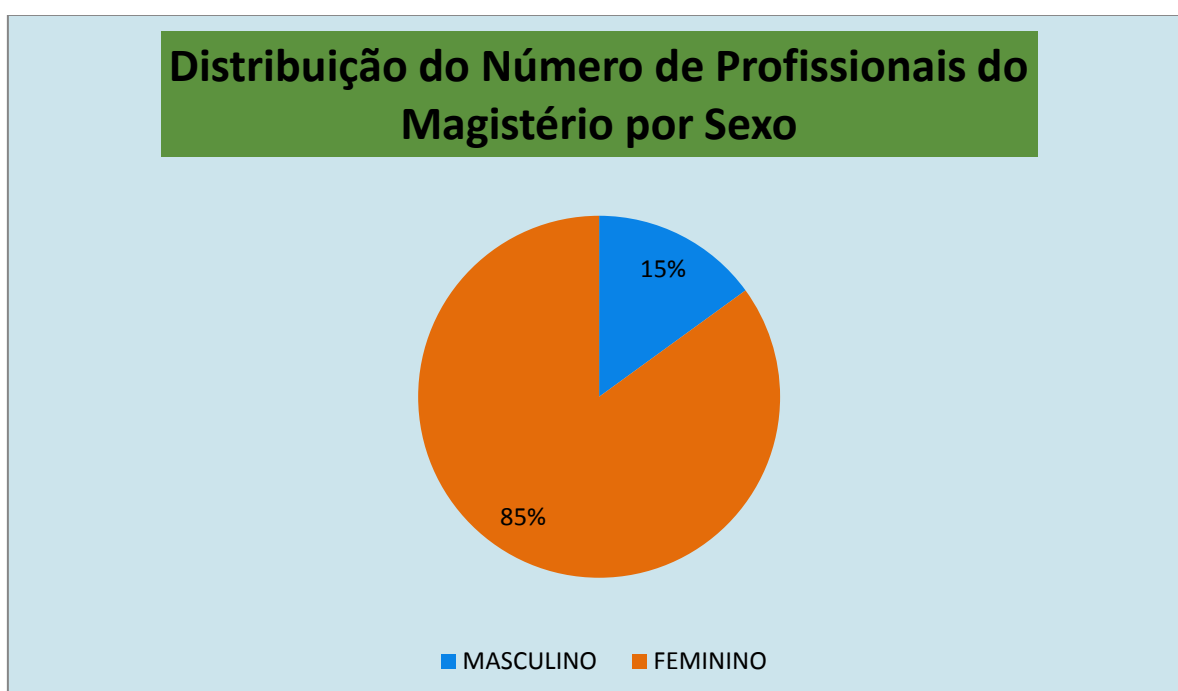
O discurso da docilidade, paciência construído para simbolizar as professoras procuram sedimentar e “reforçar a ideia de que a docência deve ser percebida mais como um sacerdócio, do que como uma profissão” (LOURO, 2012, p.451). Desprovida desse caráter reivindicatório, vincula-se o exercício da profissão ao da mãe encarregada de cuidar da casa e dos seus filhos, dificultando “a discussão de questões ligadas a salário, carreira, condições de trabalho” (LOURO, 2012, p.451).

Como vemos, resquícios tão presentes nos dias atuais.

1.1 DOCENCIA E OS DIAS ATUAIS

No entanto, nos dias atuais, percebemos que a presença feminina na sala de aula muitas vezes é mais comum do que a masculina, algo que é ratificado pelos dados do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP, 2003), quando da realização do Censo dos Profissionais do Magistério da Educação Básica 2003, conforme elaboração gráfica abaixo.

Gráfico 1 – Número de profissionais do magistério por sexo.



Fonte: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP, 2003)

Não se pode afirmar exatamente o motivo dessa disparidade entre o número de profissionais do sexo feminino e masculino na área da educação, mas pode ser que isso esteja ligado ao preconceito por parte da sociedade bem como aos baixos salários, e ambos estão interligados, devido à concepção, historicamente construída que a sociedade tem de que o homem deve ganhar mais que a mulher, e visto que o salário dos professores não é o mais indicado para quem exerce esta profissão. Talvez isso motive menos ainda os homens a optarem por esta área.

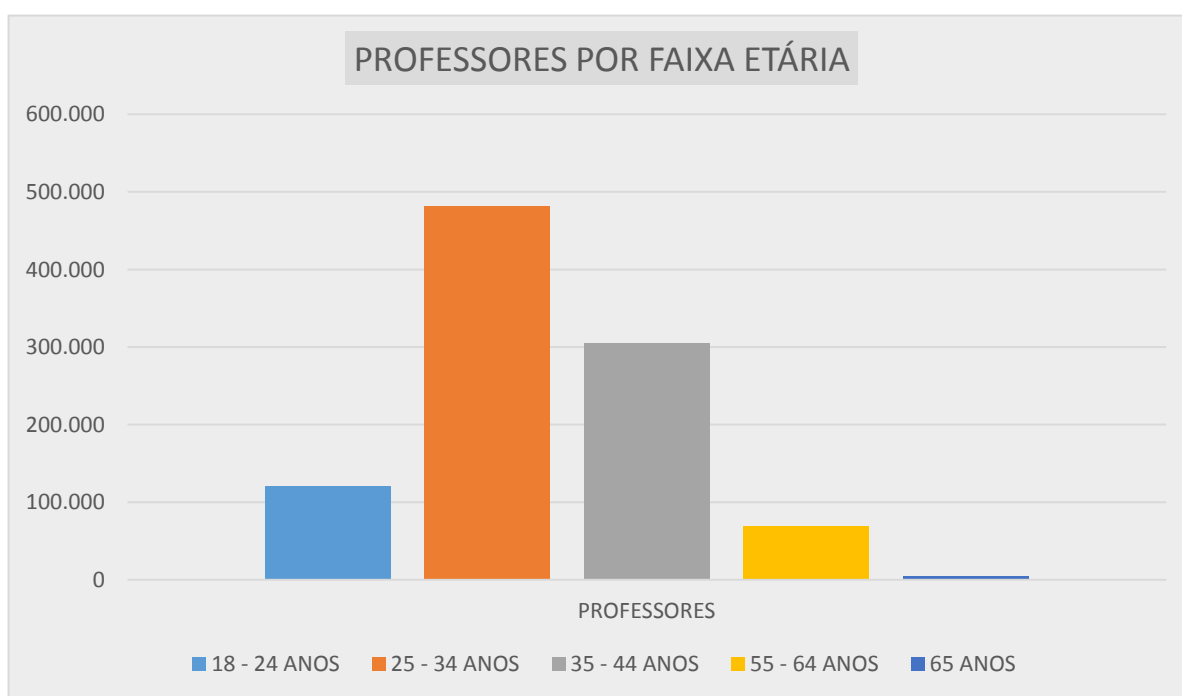
No decorrer da história, de forma mais ampla, a tradição patriarcal de submissão feminina e a inexperiência das mulheres na participação política, podem ter contribuído para o aumento de processos desqualificadores em relação à docência, considerando a figura feminina como elemento propiciador do desprestígio (MAIOLI, 2004, p. 52).

Deve se considerar também o preconceito que as pessoas têm em relação ao sexo masculino, principalmente quando se trata de séries iniciais. Para muitos, o professor-homem torna-se um corpo estranho nas séries iniciais do ensino fundamental. Pois muitos acreditam que a presença feminina é a mais indicada para acompanhar o aluno nessa fase de aprendizagem.

Além disso, o fato de essas tarefas serem raramente consideradas na avaliação do trabalho e dos resultados do ensino lembra ainda o antigo fundamento religioso da profissão docente, bem como a importância tradicional de virtude, como o devotamento, o altruísmo, a disponibilidade, a generosidade (TARDIF; LESSARD, 2013, p.176).

Outro aspecto que chama a nossa atenção em relação à docência é quanto à faixa etária dos integrantes do quadro do magistério, revelando-nos, entre outras coisas, o desprestígio da profissão entre os mais jovens.

Gráfico 2- Professores por faixa etária



Fonte: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP, 2003).

É perceptível pelo quadro acima, que entre a faixa etária de 18 a 24 anos, o número de pessoas interessadas na docência é bem menor quando se observa a faixa dos 25 aos 34 anos. Conclui-se, então, que aqueles que estão, nesse momento, ingressando no universo do trabalho, não estão optando, tal qual noutros momentos anteriores, pelo magistério.

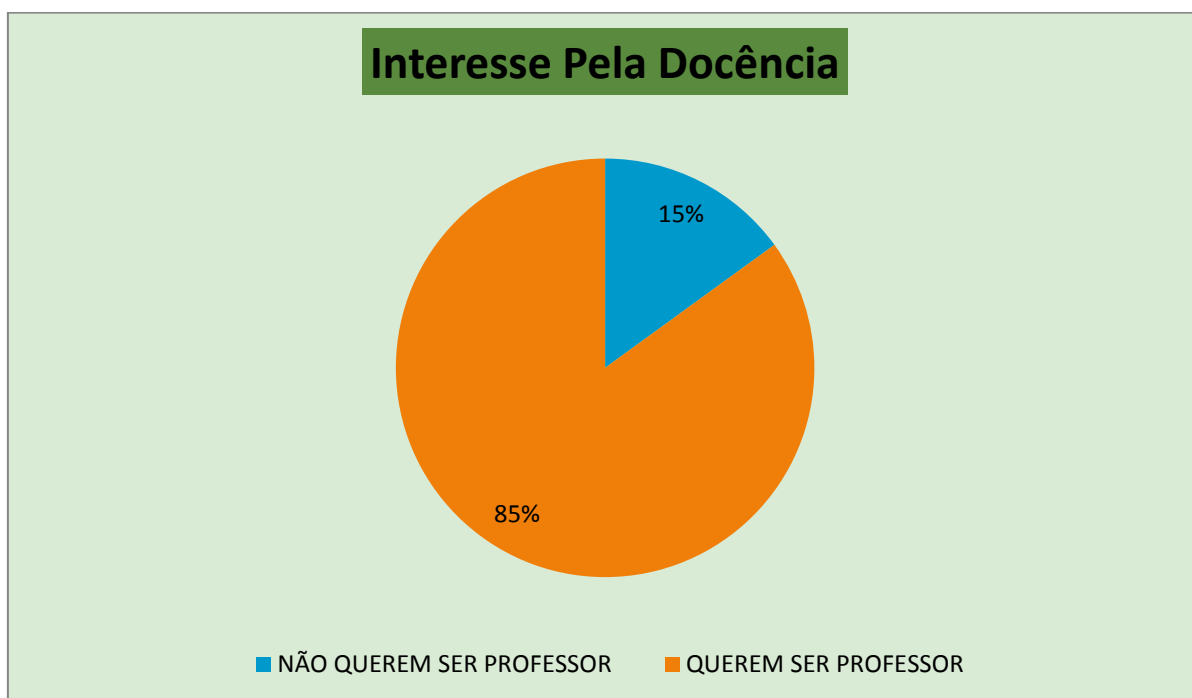
O fato acima pode ser comprovado através de uma pesquisa publicada, também, pelo Jornal Diário do Nordeste, de Fortaleza, na qual o periódico lista uma relação com as profissões mais promissoras e outras tantas consideradas como sendo as piores.

A profissão de professor, mesmo não figurando na relação das consideradas piores profissões, também não aparece naquelas vistas como as melhores. Considerando a variável financeira como elemento de análise, percebemos tanto nesse resultado apontado pelo periódico cearense, como nos dados do Inep, o desprestígio da função docente.

Os dados obtidos permitiram constatar que de 1990 a 1995 houve um aumento da ordem de 300% nos pedidos de exoneração no magistério público, em São Paulo, com um crescimento médio anual de 43%, portanto. Quando esses dados foram agrupados por região (Interior, Grande São Paulo e São Paulo-Capital) ou por categoria docente (professor I, II ou III)² os dados apresentaram índices bastante discrepantes, tal como pode-se observar nos quadros abaixo. Os dados obtidos permitiram constatar que de 1990 a 1995 houve um aumento da ordem de 300% nos pedidos de exoneração no magistério público, em São Paulo, com um crescimento médio anual de 43%, portanto (LAPO; BUENO, 2003, p. 68).

O desinteresse pela docência parece não conhecer limites territoriais. Durante a realização destes estudos, tivemos a oportunidade de realizar uma sondagem junto a 62 alunos do ensino médio, da Rede Estadual de ensino, do município de Riachão do Jacuípe-Bahia. Através da mesma, foi possível constatar o pouco interesse que estes alunos, de diferentes turmas e escolas, nutrem pela profissão. O gráfico a seguir permite visualizarmos melhor esta realidade.

Gráfico 3- Interesse pela docência

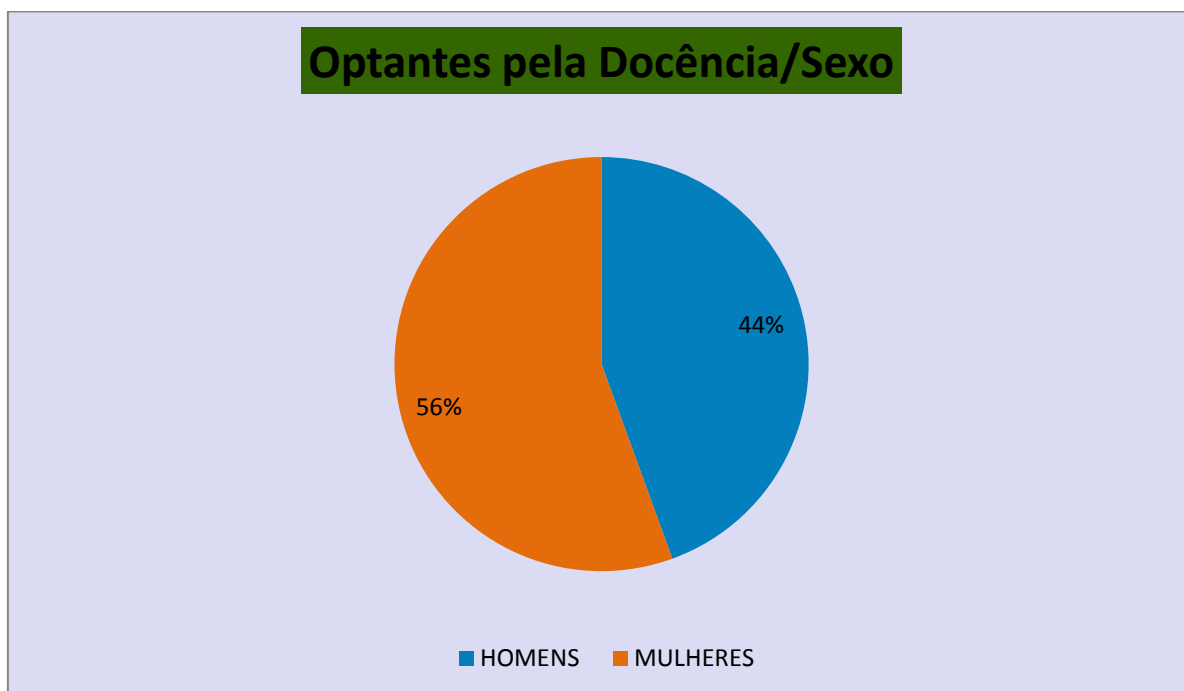


Fonte: Aila Mota da Silva (2014).

Dos 62 alunos entrevistados, 85% deles não desejam seguir a carreira docente, pois não a vêem como promissora, atrativa, etc. Devemos considerar que os alunos entrevistados são do nível médio de ensino, portanto, se aproximando da faixa etária dos 18 anos de idade, o que ratifica outros dados já citados acima acerca do desinteresse pela profissão docente nesta faixa de idade.

Os entrevistados foram avaliados também de acordo com o sexo onde podemos ter acesso a mais duas informações importantes acerca da pesquisa, do total de entrevistados 35 pertenciam ao sexo feminino e 27 ao masculino. E dos que tem interesse pela docência 5 são do sexo feminino e 4 do sexo masculino.

Gráfico 4- Optantes pela docência segundo sexo



Fonte: Aila Mota da Silva (2014).

Portanto a partir desta pesquisa nota-se que cada vez mais as pessoas veem menos interesse pelo ingresso na docência, o que se deve a diversos fatores, mas talvez o principal motivo seja a desvalorização, principalmente a financeira. Para Gatti, isso tem um peso na atração ou não de futuros profissionais para esta área.

O salário inicial de professores no geral tem sido baixo quando comparado a outras profissões que exigem formação superior (como se verá adiante), e isso tem peso sobre as características de procura por esse trabalho. Entre outros fatores, carreira e salários que estão associados a desprestígio profissional com certeza pesam tanto na procura por esses cursos, como sobre o ingresso e permanência na profissão (GATTI; BARRETTO, 2009, p. 234).

Estas questões causam certa preocupação, pois deve-se pensar sobre o que será do futuro da nação se não houver interesse e nem incentivo para com a educação. É preciso que todos reflitam a esse respeito, pois a educação é fundamental para a formação do cidadão e sem ela as perspectivas de progresso pessoal acabam se restringindo. Levando em conta que vivemos num país onde existe um considerável número de cidadãos pobres, a

educação é uma “porta” para que se possa ascender socialmente e melhorar sua qualidade de vida.

1.2 A DOCÊNCIA EM HISTÓRIA E SUAS DIFICULDADES

A educação juntamente com o ensino de História torna-se base para a formação do cidadão e é através destes que o sujeito desenvolve seu pensamento crítico, moral e político ampliando e definindo suas concepções da sociedade. Segundo Cerri:

De uma forma nova, crítica e complexa, a história tem condições de reassumir a condição de mestra da vida. Se o ensino de história não leva a isso, não se completou o processo educativo de letramento histórico, ou seja, o conhecimento não voltou a vida prática. (CERRI, 2011, p. 117).

Dentro da escola, o trabalho do professor consiste em introduzir o aluno na leitura das diversas fontes de informação, para que este adquira, pouco a pouco, autonomia intelectual, tornando-se capaz de compreender e definir seu papel dentro da sociedade. Segundo Libâneo:

A educação corresponde a toda modalidade de influências e inter-relações que convergem para formação de traços de personalidade social e do caráter implicando uma concepção de mundo, ideias, valores, modos de agir, que se traduzem em convicções ideológicas, morais, políticas, princípios de ação frente a situações reais e desafios da vida prática. (LIBÂNEO, 1994, p.22).

A disciplina de História pode ser usada para contribuir na formação de opiniões, e com isso desenvolver nos alunos o senso crítico, transformando-os em pessoas aptas a buscar com seriedade a verdade através de questionamentos. Para se criticar algo se deve usar da reflexão, da análise, e pesquisas. Esse pensamento vem a ser reforçado por Turini quando diz:

Os conhecimentos com os quais o aluno entra em contato na escola correspondem a interpretações sobre a realidade e essas são valorativas. Pelo exercício contínuo e habitual, essas interpretações são internalizadas pelos estudantes, influenciando não apenas o desenvolvimento de suas capacidades cognoscitivas como também o desenvolvimento de convicções morais, sociais e políticas. (TURINI, 1995, p. 73).

Um dos grandes desafios para o professor de História é desenvolver e estimular o aluno a pensar sobre fatos que fazem parte do passado, sobre sociedades e povos que nunca conheceram e que tiveram costumes diferentes dos nossos. Para a professora AMG, uma das nossas entrevistadas, um dos maiores problemas com as aulas de História é conseguir a atenção dos alunos”¹.

E o que é ainda mais desafiador é encontrar formas de dinamizar suas aulas para que os alunos não vejam o estudo do passado como algo “chato” e que não tem relevância alguma nos dias atuais. Neste sentido, uma aula baseada apenas no livro didático, pode desenvolver um olhar unilateral sobre a sociedade, e é preciso que o professor de História se preocupe em ensinar seus alunos a problematizar os fatos cotidianos. De acordo com os PCNs:

O saber histórico tem, desse modo, possibilitado e fundamentado alternativas para métodos de ensino e recursos didáticos, principalmente para valorizar o aluno como sujeito ativo no processo de aprendizagem. Por outro lado, ao constatarem que as abordagens e os conteúdos escolares não explicam as problemáticas sociais contemporâneas nem as transformações históricas a elas relacionadas, professores e educadores buscam outros modos de compreender a relação presente/passado e de historicizar as questões do cotidiano. Além disso, os profissionais da escola têm procurado manter relações e compromissos mais estreitos com a realidade social, propondo uma melhor compreensão dessa realidade e encarando-a como diversificada, múltipla, conflituosa, complexa e descontínua (BRASIL, 1998, p. 30).

Outro desafio encontrado pelos professores de História é trabalhar com os alunos os temas das aulas de forma contextualizada, ou seja, trabalhar assuntos que estejam associados ao meio em que eles vivem, podendo assim despertar neles um maior interesse pelo tema proposto pelo professor, fazendo com que eles percebam que também são sujeitos históricos, despertando assim seu interesse pela História. É necessário que o desenvolvimento desta habilidade seja uma prática constante por parte do profissional, pois segundo Tardif:

¹ Entrevista concedida pela professora AMG, do Colégio Estadual Osvaldo Cruz.

(...) o trabalho docente no dia-a-dia, é fundamentalmente um conjunto de interações personalizadas com os alunos para obter a participação deles em seu próprio processo de formação e atender as suas diferentes necessidades. (...) (TARDIF; 2002, p. 141).

O ensino e a aprendizagem da história estão também voltados, para atividades em que os alunos possam entender as semelhanças, as diferenças, e as transformações no modo de vida social, cultural, político e econômico de sua localidade, no presente e no passado. Entretanto, como essa prática na maioria das vezes não é utilizada, a disciplina acaba também por esse motivo, sendo desvalorizada no ambiente escolar vista como uma disciplina que aborda apenas o passado, o que na maioria das vezes torna-a desinteressante, pois algumas pessoas não vêm interesse em estudar algo que nunca vivenciaram, ou sociedades que dizem que nunca irão conhecer.

Outro problema enfrentado pelo professor de História é a desvalorização para com a área em que trabalha, pois para grande parte das pessoas qualquer um pode ensinar História, uma vez que esta disciplina é vista como uma disciplina “fácil”, que basta apenas ler ou contar história que já é o suficiente para que o aluno aprenda. É muito comum encontrarmos professores, principalmente em escolas públicas que são especializados em outra área ensinando História, muitas vezes nem chegam a ter uma graduação, mas é considerado apto a ministrar a disciplina por esta ser considerada fácil.

A despreocupação com que qualquer pessoa, no Brasil, se arroga o título de professor e mais o fato de nossos costumes e nossas leis o tolerarem demonstram que, na própria consciência pública, não há diferenças para os que tinham passado por um instituto de preparação para o magistério. Compreende-se, assim, que se pode chamar de —professor qualquer um, que saiba ou presuma saber, e não somente —ao que saiba ou deva saber ensinar. (CAMPOS, 2002, p. 22)

Além das dificuldades do professor em lidar com as indisposições dos alunos, falta de recursos, infraestrutura inadequada para sanar as necessidades do alunado e dos professores, como por exemplo, reforma nas escolas para atender alunos com deficiência, investimento em bibliotecas, laboratórios de informática, que algumas escolas têm, porém muitas vezes

não tem um profissional capacitado para utilizar, entre outros, sabe-se que o professor tem ainda que enfrentar o descaso do governo ante a sua profissão.

Ultimamente a mídia vem divulgando vários protestos realizados por professores que reivindicam além dos baixos salários, plano de saúde adequado, melhores condições de trabalho com relação à infraestrutura das escolas, assim como material didático suficiente para atender a demanda dos alunos, pedem ainda que o governo e a sociedade em geral reconheçam o seu valor. No entanto o governo que inicialmente é o responsável pela educação do país e que tem instrumento para solucionar o problema infelizmente não se dispõe a resolver a questão. O fato é que o Brasil não investe na educação de forma adequada, fazendo com que muitos desses profissionais migrem para outras profissões e os que persistem em sua maioria sintam-se insatisfeitos o que dificulta o seu desempenho enquanto profissional. Sobre isso Pretto afirma que:

Hoje no Brasil os professores estão desprestigiados, mal remunerados, mal formados, incorporados mesmo a contragosto a uma linha de montagem, em que lhes cabe apenas cumprir determinadas tarefas de um processo que mais parece o da produção de um automóvel do que o da formação de crianças e adolescentes. Apesar do esforço pessoal de um considerável número de profissionais, a grande maioria dos professores de primeiro e segundo graus trabalha sem nenhuma autonomia, sem dignidade profissional, não decidindo o que, como e por que fazer dentro da sala. (PRETTO, 1996, p. 117).

Não existe uma fórmula pronta a qual possa ser usada para resolver os problemas da educação, mas se o governo demonstrasse maior interesse por este assunto, e se dispusesse a ajudar realmente, certamente haveria maiores possibilidades de sanar a “deficiência” da educação pública no Brasil que perdura há algum tempo e que é de grande interesse para a sociedade.

O fato é que a profissão docente deve ser mais valorizada, e esta precisa de profissionais capacitados e devidamente “treinados”, para exercer essa profissão, que requer muito mais que o ato de passar o conteúdo, requer conhecimento do currículo, do projeto pedagógico da escola, bem como dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e das Diretrizes Curriculares Nacionais, domínio de conteúdo e metodologias de ensino.

A utilização de recursos, ou a utilização de um único recurso didático, como o livro, por exemplo, tem se constituído em obstáculo à uma boa prática docente entre os professores de História. Pois os alunos principalmente os adolescentes tem uma certa dificuldade de se concentrar durante uma aula inteira, e se nesta aula o único recurso utilizado pelo professor for o livro didático, isso se torna ainda mais difícil, visto que muitos alunos não cultuam o hábito da leitura.

Trabalhar com as novas tecnologias, entretanto, é algo extremamente novo para determinados professores de História. Durante o seu processo de formação, alguns professores reclamam da falta de recursos tecnológicos nas escolas, como computadores, TV, data show entre outros, recursos estes que poderiam contribuir bastante para as aulas, no entanto nem todos os professores estão preparados para utilizar estes recursos, e nem tampouco as escolas oferecem cursos preparatórios para tornar esses professores aptos a lidar com essa tecnologia. A respeito disso Pretto afirma que:

Minha constante presença, nos últimos anos, em cursos de formação de professores tem evidenciado essa perplexidade. Vejo como os professores observam o manuseio dos equipamentos de vídeo e televisão. Recolho depoimentos-e não poucos! – daqueles colegas que encontram inúmeras dificuldades práticas para fazer uso desses meios, mesmo quando as escolas os possuem. É comum esses equipamentos ficarem trancados a sete chaves em salas especiais sendo quase impossível a sua ágil utilização. (PRETTO; 1996, p.109).

Portanto não basta o governo disponibilizar aparelhos tecnológicos para as escolas sem incentivar os professores através de cursos preparatórios, por exemplo, para que aprendam a utilizar esses recursos. O fato é que se os professores conseguirem fazer o uso desses recursos em suas aulas eles terão a oportunidade de torna-las mais dinâmicas e atraentes diante dos alunos, visto que estes atualmente estão cada vez mais conectados com as novas tecnologias.

2. PROFESSORES DE HISTÓRIA DE RIACHÃO DO JACUIPE: DESAFIOS

Discutir os desafios e perspectivas protagonizados pelos professores de História do ensino público, no município de Riachão do Jacuípe, constituiu-se num exercício árduo, mas, sobretudo de aprendizados em razão da nossa caminhada durante esta investigação.

Os sujeitos que constituíram esta pesquisa ensinam História em escolas públicas sendo que 6 são do sexo feminino e 2 do sexo do masculino. Todos eles residem no município de Riachão do Jacuípe e todos fazem parte do quadro de magistério há mais de 4 anos.

Lidar com o aluno de hoje se constitui na visão de todos os professores entrevistados, como um dos maiores problemas encontrados na sala de aula. Para uma das nossas entrevistadas “os alunos não tem compromisso com a escola, e tal fato desestimula o profissional da área de educação”.

Mas, afinal de contas, quais seriam as razões que explicariam o desinteresse e descompromisso destes alunos para com as instituições escolares? Uma delas talvez seja a falta de correspondência entre a escola e o universo tão sonhado do mercado de trabalho almejado pelos jovens. “Em suma, os professores já não podem prometer a todos os alunos que a formação que oferecem é a chave do sucesso” (TARDIF; LESSARD, 2013, p. 144).

Aliado a falta de correspondência entre a escola e a vida profissional dos adolescentes e jovens, outra razão que pode explicar o desinteresse da escola seria o fim da escola como único espaço de aprendizagem, afinal, “já não basta ficar muito tempo na escola, é preciso também aprender outras coisas em outros lugares” (TARDIF; LESSARD, 2013, p. 144).

Já o professor JFN, também questionado sobre as dificuldades que ele enfrenta durante as aulas de História, cita como uma das mais importantes a ausência da família no acompanhamento das ações escolares. Para ele, “isso tem sido um verdadeiro entrave na educação brasileira”.

A ausência de muitos pais e mães do ambiente escolar e, conseqüentemente, de um acompanhamento da vida escolar dos seus filhos

é uma situação bastante perceptível, mas isso é fruto das realidades vividas pela maioria das famílias brasileiras.

A busca pela sobrevivência faz com que pais e mães estejam voltados para o cotidiano do mundo do trabalho: acordar cedo, cumprir horários, vivenciar a dura rotina de determinadas atividades e, no caso das mulheres, ainda cuidar da casa tem se constituído em obstáculos que impedem uma maior participação da família no dia a dia do universo escolar dos seus filhos.

Mas, dentre as falas dos professores de História entrevistados, aparece outra identidade de aluno que não aquela historicamente cristalizada. Para AMG, temos alunos agitados, desatenciosos, sem paciência, etc.

Sobre os alunos de hoje, Antônio Fávero Sobrinho em seu trabalho: *O aluno não é mais aquele*, cita as concepções de Green e Bigun a esse respeito:

Green e Bigun (1995) têm se destacado por estabelecer a diferença entre o aluno de ontem e o aluno de hoje. Para eles, os alunos que estão em nossas escolas são radicalmente diferentes dos alunos de épocas anteriores por apresentarem uma “historicidade pós-moderna”, constituída por um conjunto de práticas culturais responsáveis pela “produção” de sujeitos particulares, específicos, com identidades e subjetividades singulares. (SOBRINHO, 2010, p.02)

Portanto percebe-se que há de fato uma considerável diferença entre o aluno de hoje e os das épocas anteriores às atuais, diferenças essas que se dão por diversos fatores, dentre esses o principal talvez se deva ao grande avanço tecnológico, que por um lado beneficia o desenvolvimento do aluno, mas por outro se não se fizer um uso adequado acaba prejudicando seu aprendizado, bem como o trabalho do professor.

A respeito da influencia da tecnologia no cotidiano dos estudantes Sobrinho diz:

A escola continua tendo como eixo de referência as narrativas científicas apoiadas no livro didático e no uso intensivo da pedagogia hierárquica, na qual o professor tem o monopólio do discurso. O estudante, por sua vez, tem um grande envolvimento com as linguagens e narrativas de caráter virtual, acessando e interagindo com as comunidades virtuais disponíveis nas diferentes redes sociais —MSN, Orkut, Facebook, Twitter etc. (SOBRINHO, 2010, p. 10)

O fato é que atualmente os professores se vêm “obrigados” a competir com os aparelhos eletrônicos, e muitas vezes acabam ficando em desvantagem, pois se percebe que os alunos não demonstra o mesmo interesse nos estudos em relação ao que deposita as redes sociais, celulares, videogame entre outros.

A professora IAO ao ser questionado sobre as principais dificuldades para desenvolver seu trabalho dentro da sala de aula, diz o seguinte:

Hoje é o uso de equipamentos eletrônicos na sala, indiscriminadamente, não é que seja 100 por cento dos alunos, mas em toda sala tem alguns casos, mesmo tendo uma política na escola que proíbe o uso dos aparelhos, é complicado driblar isso (informação verbal)².

Percebe-se em sua fala que a professora demonstra grande insatisfação com o constante uso dos aparelhos tecnológicos por parte dos alunos, durante as aulas. E toca num ponto importante acerca dessas questões, que é a proibição por parte da direção da escola, do uso desses aparelhos durante as aulas.

É possível que se todas as escolas desenvolvessem uma maneira de lidar com o constante uso desses aparelhos no ambiente escolar o problema pudesse vir a ser ao menos parcialmente resolvido. Talvez, outra saída, fosse a utilização desse interesse que os alunos têm pela tecnologia nas suas aulas, estas viessem a se tornar mais atrativas, pois é provável que a total proibição não seja o melhor caminho, mas sim tentar tirar algum benefício dessa situação na execução das aulas.

Planejar as aulas pensando nessa realidade vigente no dia-dia, trazer um pouco dessa tecnologia para a sala de aula, como as redes sociais, as músicas, entre outros, pode contribuir para que os alunos venham a se sentir mais familiarizados com os assuntos abordados e mais estimulados na realização das atividades, e como consequência contribuiria para o sucesso das aulas.

² Informação verbal prestada pela professora IAO, do Colégio Estadual João Campos, Riachão do Jacuípe-Ba.

Os professores não podem mais se comportar como simples transmissores de conhecimentos estáveis ou invariáveis e de uma cultura 'eterna': a cultura escolar, como também a cultura da sociedade, é envolvida por um turbilhão. A multiplicação de inovações e de técnicas, a velocidade sempre maior com que são colocados em circulação e desaparecem objetos e saberes, certezas e ideias, provocam nos professores o sentimento de estar sendo continuamente ultrapassados. Em suma, a escola fica para trás. (TARDIF; LESSARD, 2013, p.145).

Com relação ao uso das tecnologias em sala de aula, pudemos constatar a possibilidade de sua utilização para o desenvolvimento da aprendizagem quando da realização das atividades referentes ao Estágio Supervisionado IV.

Depois de discutirmos os temas voltados para o conteúdo da Segunda Guerra Mundial, propusemos aos alunos que produzissem um vídeo, utilizando o celular como recurso, através do qual eles realizassem um resumo do que tinham conseguido compreender acerca da Segunda Guerra.

O resultado desta experiência foi bastante significativo tanto para o trabalho realizado naquele momento, quanto para o aprendizado dos alunos, pois pudemos perceber que eles se sentiram a vontade para se expressar diante do vídeo e através deste demonstraram a assimilação dos conteúdos discutidos nas aulas que antecederam a produção visual.

Os comentários feitos pelos alunos sobre essa questão ratificam isso. Ao serem questionados se gostaram da experiência de trabalhar com vídeo na sala de aula, os alunos responderam de forma positiva, a aluna JM, estudante do Colégio João Campus, situado no Município de Riachão do Jacuípe, fora onde desenvolvida a atividade de ensino citada anteriormente, assim resumiu a experiência:

Gostei, porque com o vídeo agente se expressa, mais e não fica com vergonha, e nos aprofundamos mais no assunto. Quando estamos na frente das pessoas pra explicar um assunto sentimos vergonha e timidez, mas com o vídeo parece que some tudo e nos envolvemos na explicação (informação verbal)³.

O aluno CC, também demonstrou satisfação com o desenvolvimento deste trabalho, pois o mesmo diz:

³ Informação verbal prestada pelo aluno JM, do Colégio Estadual João Campos, Riachão do Jacuípe-Ba.

Foi bastante interessante essa experiência e poderia ser repetida com outros professores, ganhamos uma nova experiência e além de tudo foi como um seminário, mas em gravação de vídeo e aprendemos o assunto de maneira diferente (informação verbal)⁴.

A partir desses relatos podemos concluir que é bastante válido para o educador e também para o aluno, o uso das tecnologias na sala de aula. Quando se está numa sala de aula, não é interessante que o professor vá contra algo que faz parte do dia-a-dia dos alunos, pois provavelmente o que este conseguirá a princípio será conquistar a antipatia dos alunos, principalmente na disciplina de História, cujos professores afirmam que é preciso associar o conteúdo trabalhado à realidade do alunado, para que assim o mesmo possa compreender mais facilmente o que está sendo proposto naquele momento.

A falta de concentração também foi apontada como um elemento, também dificultador das aulas de História. Uma das entrevistadas afirmou que “os alunos não conseguem se concentrar nos estudos por muito tempo. Eles não têm paciência para ouvir o professor de História e os demais professores, durante uma manhã ou uma tarde inteira. Estão sempre muito agitados” (informação verbal)⁵.

Pensando bem, ouvir um professor durante toda uma manhã e tarde não se torna um dos exercícios mais desejáveis por uma turma de adolescentes/jovens, principalmente em ambientes caracterizados pelas altas temperaturas, como se trata dos municípios integrantes do Território do Sisal.

A audição presente na fala da professora indica a realização de atividade nas quais o professor continua sendo o centro e o aluno o receptor. Nessa relação, o professor fala e o aluno ouve, conforme destacado pela professora, ou seja, uma concepção eminentemente bancária do processo educacional.

⁴ Informação verbal prestada pelo aluno CC, do Colégio Estadual João Campos, Riachão do Jacuípe-Bahia.

⁵ Informação verbal concedida pela professora AMG, do Colégio Estadual Osvaldo Cruz, Riachão do Jacuípe-Bahia.

O professor ainda é um ser superior que ensina a ignorantes. Isto forma uma consciência bancária. O educando recebe passivamente os conhecimentos, tornando-se um depósito do educador. Educa-se para arquivar o que se deposita. Mas o curioso é que o arquivado é o próprio homem, que perde assim seu poder de criar e transformar o mundo, sendo o sujeito de sua ação (FREIRE, 1979, p.38).

Se tão somente falar provoca desestímulos ao aluno e transforma-o num recipiente dos conteúdos, a consequência mais perversa desse processo é anular a condição deste aluno em ser sujeito (FREIRE, 1979), condição propiciada, também, pelo exercício do diálogo.

A agitação é um dos destaques do comportamento dos alunos quando das aulas de História e, cremos das outras disciplinas. Ainda tomando como base a entrevista da professora de uma das escolas selecionadas para a pesquisa, quando ela afirma que “os alunos estão muito agitados e por isso não prestam atenção”. Tal elemento, é claro, acaba contribuindo para o não desenvolvimento, conforme provavelmente planejado das aulas de História.

Numa pesquisa realizada em escolas públicas do estado de São Paulo, César Augusto Alves da Silva constatou a falta de hábito de alunos do 7º e 8º ano do ensino fundamental e do 1º ano do ensino médio com a leitura e relaciona esse déficit ao ambiente cultural vivido pelos alunos de hoje em dia.

Jogar bola você não calcula, e na escola você já tem que calcular, jogar bola você não lê e não escreve”. Outro aluno escancara a verdade do desinteresse: Em casa eu não preciso esquentar a cabeça com nada, já na escola é muita coisa na minha cabeça (SILVA, 2011, p.156).

Percebemos, então, que além dos alunos não conseguirem se concentrar numa aula por muito tempo, o que dificulta o trabalho do professor, eles preferem atividades mais dinâmicas, geralmente usando aparelhos eletrônicos. Na mesma pesquisa, Silva traz o relato de outro aluno sobre seu interesse pela escola.

O resto do meu tempo fico jogando videogame, pois para praticar essa atividade não preciso pensar; fora da escola eu faço coisas muito agitadas, dentro da escola eu já sou mais caumo porque é muito chato fazer lição, escrever, ficar sentado na carteira o dia inteiro, isso é muito chato, sô mais ficar em casa assistindo TV, jogando videogame e só (SILVA, 2011, p. 156).

Esse modo agitado de os alunos se comportarem destacado pela professora-entrevistada é fruto, da “redução das capacidades intelectuais dos seres humanos, resultado da exposição a toda a indústria cultural”, pensamento também compartilhado por Costa (2005), citando Jameson, ao afirmar que “tudo foi transformado em mercadoria” e, como tal, a sua lógica não corresponde a da escola.

Por essa razão, percebe-se, entre os estudantes, fortes resistências ao currículo formal, pois seus interesses estão voltados para temas não escolares, tais como namoro, sexualidade, moda, festas, passeios etc. (SOBRINHO, 2010, p. 9).

Neste processo, a relação estabelecida tem sido, conforme destacam os nossos entrevistados, cada vez mais conflituosa, tensas e em alguns casos marcados pela exacerbação da violência, talvez em razão de ...

[...] as imagens de crianças e adolescentes que inundaram o universo escolar dos séculos passados (e que talvez ainda permaneçam ocupando a centralidade de alguns discursos pedagógicos) já não dão conta da complexidade dos processos de subjetivação e de produção de identidades no mundo em que vivemos hoje. Trocando em miúdos, poderíamos dizer que nossas salas de aula estão cada vez mais povoadas de jovens seres do século XXI, e nós, professores e professoras, confusos ou míopes, continuamos a enxergar ou a fazer de conta que lá estão os meninos e as meninas imaginados pelas teorias dos compêndios dos séculos XVII, XVIII, XIX e parte do XX (COSTA, 2005, p. 3).

Ao serem questionados sobre as dificuldades encontradas para ministrar a disciplina História em si, os exemplos citados pelos professores foram vários, a professora AMG dá a sua opinião a esse respeito, afirmando o seguinte:

A maior dificuldade é fazer com que o aluno se interesse por coisas que fazem parte do passado, mas eu tento fazer com que eles entendam que muito do que acontece hoje em dia é reflexo desse passado, e que para que possamos entender fatos cotidianos precisamos conhecer o passado, mas é relamente muito difícil em alguns casos, não em todos, mas é complicado fazer eles enxergarem a importância dessa matéria, até porque a maioria das pessoas creio eu, acham que as matérias mais importantes são a Matemática e o Português (informação verbal)⁶.

⁶ Informação verbal concedida pela professora AMG, do Colégio Estadual Osvaldo Cruz, Riachão do Jacuípe-Bahia.

O fato de muitas vezes a História trabalhar com fatos passados, acaba se tornando um motivo para que os alunos não vejam sentido em estudá-la e, assim acabam construindo estereótipos sobre a disciplina, pois muitos afirmam que a mesma trabalha apenas com fatos que se distanciam muito do nosso presente, algo que é corroborado pela professora CAS, pois a mesma alega ser essa uma das dificuldades para ministrar a disciplina “Os estudantes acreditam que não tem sentido estudar o passado⁷”.

A respeito da importância de estudar o passado, CERRI vem dizer que:

Retirar os jovens do presente contínuo é abrir portas para a sensibilidade em relação ao passado e a compreensão da dinâmica do tempo. Trata-se da competência de experiência, como se viu anteriormente, que integra a competência narrativa. Conhecer as surpresas, as mudanças imprevistas do desenrolar dos acontecimentos abre as portas da inteligência à possibilidade histórica. Viver apenas o presente tende a reproduzir a condição atual – com todas as suas mazelas – pela ausência de sujeitos interessados em tentar fazer as coisas de outra forma. (CERRI, 2011, p.116).

Outro ponto discutido com os professores de História foi o fato da mesma ser vista por muitos como uma disciplina a qual basta apenas memorizar, algo que vem a ser desmistificado pelos professores entrevistados. A esse respeito a professora CAS diz o seguinte:

Não vejo sentido em memorização, isso não é aprendizado. O ensino da História deve ser feito de forma crítica de modo que o estudante entenda como viviam os homens e mulheres ao longo do tempo, percebendo mudanças e permanências no estudo da história (informação verbal)⁸.

Ainda sobre essa questão a professora IAO vem dizer que:

Não é verdade, isso é um equívoco, a gente sabe que a disciplina de História é uma disciplina, extremamente crítica analítica, não existe

⁸Informação verbal concedida pela professora CAS, do Colégio Estadual Maria Dagmar de Miranda, Riachão do Jacuípe-Bahia.

decoreba se a gente estuda o processo, a gente tem que compreender, então decorar não é o suficiente (informação verbal)⁹.

Esses professores falaram ainda sobre os mecanismos que eles utilizam para driblar as dificuldades encontradas no dia a dia no tocante ao da História, e assim atrair a atenção dos alunos, a professora IAO diz que trabalha da seguinte forma:

Eu sou uma professora muito tradicional viu, eu não tenho muito essa coisa de uso de muitos recursos, é assim, é chamar o aluno pra necessidade da compreensão do processo, tem um texto de Voltair sobre o estudo da História que me orienta muito, quando eu começo trabalhar em uma turma, é o primeiro texto que eu trabalho, ele fala sobre a importância, do estudo da História, que se não servisse pra nada serviria para o seu intelecto, se você achasse que não tem importância pratica nenhuma (informação verbal)¹⁰.

A professora CAS tem um discurso parecido com o da professora IAO, pois a mesma vem dizer:

Eu chamo atenção dos estudantes para a importância da educação na vida deles. Na preparação das aulas e na execução destas procuro associar o conteúdo de História com o cotidiano dos estudantes para chamar a atenção destes (informação verbal)¹¹.

Percebe-se que alguns dos professores entrevistados, busca no diálogo um instrumento para driblar as dificuldades acerca do trabalho com a História, método esse que se bem utilizado pode vir a ser o mais eficiente para lidar com os alunos, pois com a repressão e a imposição têm-se menos chance de se obter algum êxito diante destes obstáculos encontrados na docência.

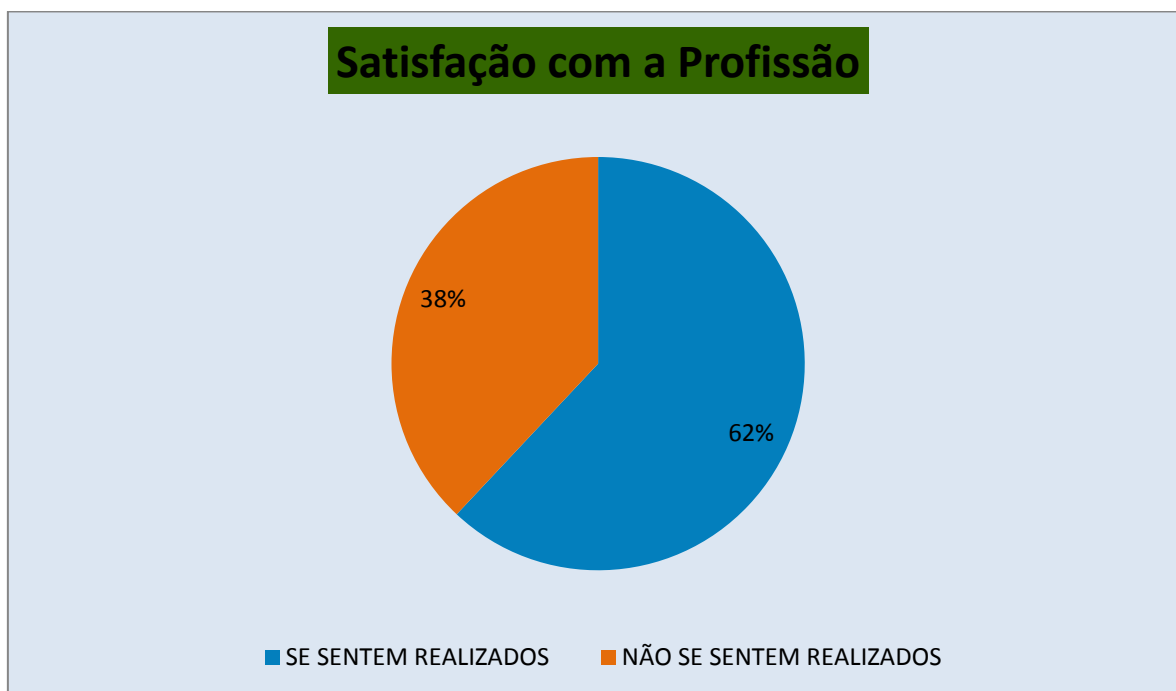
Diante de todo esse cenário até agora descrito, qual a satisfação que os professores de História participantes desta pesquisa dizem ter para com a sua profissão? O gráfico a seguir mostra a situação em relação ao quesito “satisfação com a profissão escolhida”.

⁹ Informação verbal concedida pela professora IAO, do Colégio Estadual João Campos, Riachão do Jacuípe-Bahia.

¹⁰ Idem.

¹¹ Informação verbal prestada pela profa. CAS, do Colégio Estadual Maria Dagmar de Miranda, Riachão do Jacuípe-Bahia.

Gráfico 5- Professores e a satisfação com a profissão escolhida.



Fonte: Aila Mota da Silva (2014)

Na fala do professor JFN, ao ser questionado sobre sua realização como profissional da educação, o mesmo expressa as razões da sua satisfação:

Sim, mesmo ganhando pouco e me sacrificando muito, eu acho que a minha maior realização tem sido ver nos semblantes de muitos dos meus alunos, a mudança de postura e também de algumas atitudes de muitos deles. (informação verbal)¹².

Já a professora de História, CAS vem dizer que não se sente satisfeita e uma de suas justificativas para este comportamento seria “os baixos salários e a desvalorização do profissional que atua na área de educação por parte da sociedade”. Gatti oferece uma das explicações para esse problema.

A representação da docência como “vocação” e “missão” de certa forma afastou socialmente a categoria dos professores da ideia de uma categoria profissional de trabalhadores que lutam por sua sobrevivência, prevalecendo a perspectiva de “doação de si”, o que determinou, e determina em muitos casos, as dificuldades que professores encontram em sua luta categorial por salários, dificuldades estas que estão presentes no âmbito social e político,

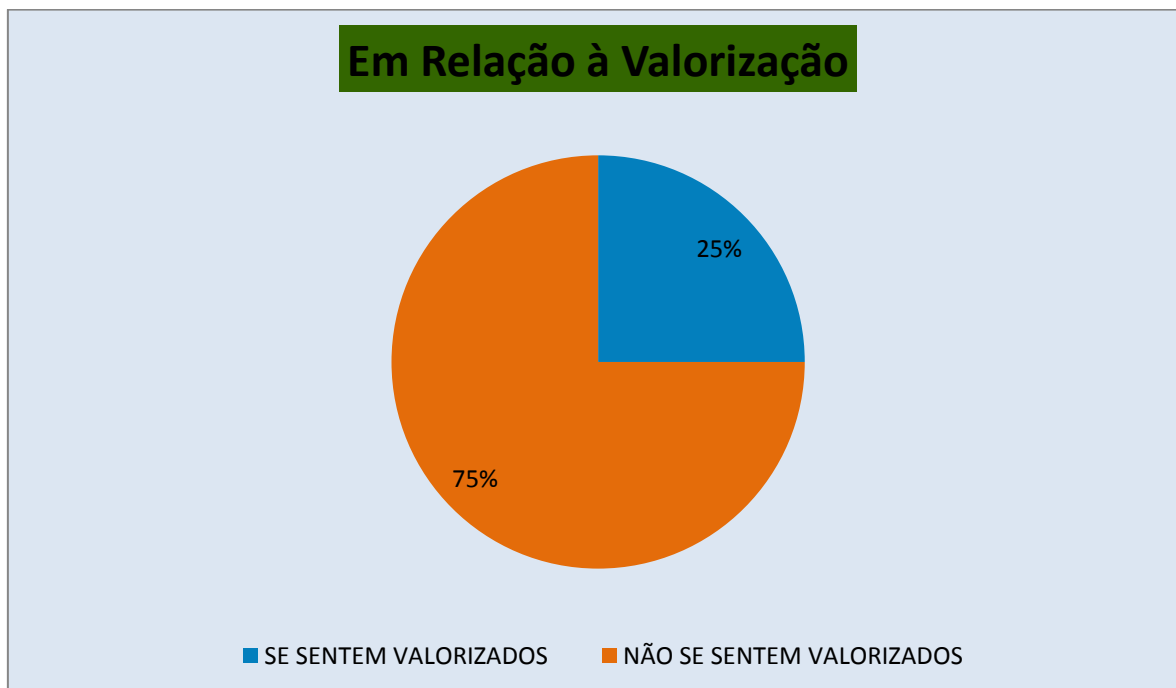
¹² Informação verbal prestada pelo prof. JFN, do Colégio Osvaldo Cruz, Riachão do Jacuípe-Bahia.

bem como na cultura intracategoria (GATTI; BARRETTO, 2009, p.239).

Essa construção não é de então e pode ser creditada à própria gênese da profissão e as representações em torno de uma professora vista como outra mãe, portanto encarregada de tratar como filhos os seus alunos. Atualmente, mesmo com os avanços, a concepção vocacionista ainda não se desraigou por completo da mente das pessoas, principalmente nos momentos de embates entres professores e governos em busca de melhorias para a educação, dentre elas, a salarial.

Mesmo com todas as dificuldades, percebe-se a partir da análise do gráfico que a maioria deles se diz realizada enquanto profissionais da educação, algo que com certeza influencia no desenvolvimento de seu trabalho. Entretanto, quando questionados se sentem valorizados, a grande maioria responde de forma negativa, como mostra o gráfico a seguir:

Gráfico 6- Professores e o sentimento de valorização pelo seu trabalho.



Fonte: Aila Mota da Silva (2014)

A respeito do sentimento de valorização a professora AMG afirma que não se sente valorizada na sua profissão:

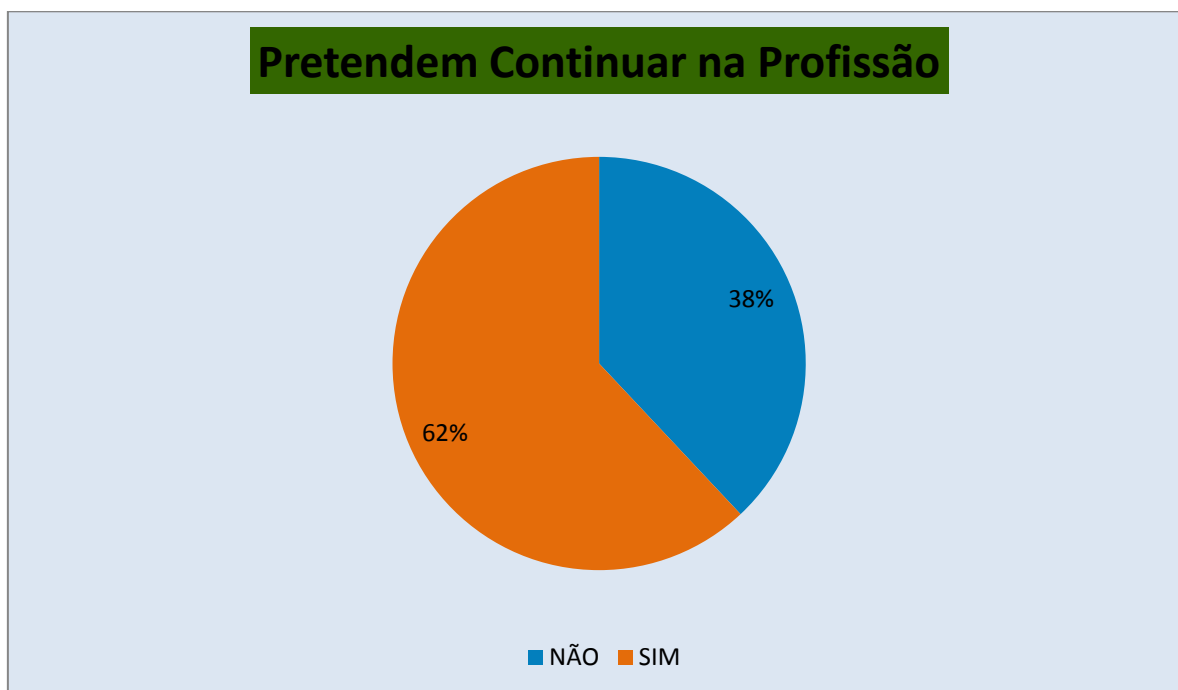
Não como deveria, mas sei que este é um problema que atinge todos os meus colegas, e não só a mim, acho que merecíamos mais valorização por parte dos alunos, da família e principalmente do governo que não investe na educação como deveria o que é uma pena, porque não vejo como o nosso país pode progredir se não tiver uma educação de qualidade (informação verbal)¹³

Já o professor EM que diz se sentir valorizado justifica sua opinião da seguinte forma:

Sim, porque o verdadeiro valor, primeiro vem da minha pessoa. Agora é claro que o Sistema precisa fazer muitas coisas pela profissão. Até a própria sociedade reconhecer que tem uma dívida muito grande e com isso, inventa cursinho disso, cursinho daquilo, como forma de disfarce. Só não sei até quando (informação verbal)¹⁴.

O gráfico a seguir vem mostrar a quantidade de professores que pretendem dar continuidade em sua profissão ou não.

Gráfico 7- Professores e a pretensão em continuar exercendo a docência.



Fonte: Aila Mota da Silva (2014)

¹³Informação verbal prestada pela professora AMG, do Colégio João Campos, Riachão do Jacuípe-Bahia.

¹⁴ Informação verbal prestada pelo prof. EM, do Colégio Estadual Dagmar de Miranda, Riachão do Jacuípe-Bahia.

A professora IAO ao ser questionada sobre se pretende continuar na profissão, em sua fala diz o seguinte: “Com certeza eu nem cogito a possibilidade de deixar de ser professora”. Já a professora GM, afirma não querer dar continuidade a docência: “Não, pela falta de motivação pessoal e profissional”.

Dos professores que contribuíram para a pesquisa mais da metade dizem querer continuar na profissão, os que pretendem se especializar em outra área provavelmente não vem sentido em dar continuidade a uma profissão que muitas vezes não recebe o devido valor, pelas famílias, alunos, governo, enfim por grande parte da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho percebemos que a Escola Pública brasileira precisa cada vez mais de atenção. Diversos foram os problemas citados pelos professores de História, e muitos deles se aplicam de forma geral a todos os outros docentes de outras áreas do conhecimento. Percebemos, através das falas destes, que muitos não veem perspectivas no campo em que atuam, e devido a esses percalços, os mais jovens na profissão pretendem se afastar da educação, carregando consigo, a falta de realização pessoal e também de valorização.

Essas questões acabam tendo grande influencia sobre o que é desenvolvido na sala de aula, pois não é possível realizar um bom trabalho quando se tem a autoestima baixa. Nesse processo, jamais podemos culpar os professores pelo insucesso da educação brasileira, pois a maioria destes que estão abandonando a docência o fazem por não terem condições de atender às suas necessidades financeiras e pessoais com o aquilo que lhes é oferecido.

Esta pesquisa também constatou que entre os jovens o interesse pela docência também é cada vez menor. Nas investigações ficou perceptível que os problemas enfrentados pelos professores em sala de aula são vistos, pelos alunos, como inibidores a uma futura escolha pela profissão.

Além dos problemas relacionados à valorização e à autoestima, temos também outros fatores que têm contribuído bastante para provocar o desinteresse pelas salas de aulas, tais como, falta de estruturas adequadas em varias escolas e a inexistência de politicas educacionais que realmente funcionem.

Em relação às práticas dos professores de História e os reflexos destas na docência, verificamos a necessidade da utilização de outros recursos e linguagens que estimulem o aluno a se interessar pelos conteúdos das aulas de História. O nosso exercício com a produção audiovisual, citada no decorrer do trabalho, demonstra que os alunos se sentem estimulados a participar

quando são incentivados a tal. Isso deve ser salientado, pois o público de hoje não tem o mesmo comportamento, e nem era de se esperar por isso, que aquele aluno de uma década atrás, implicando, assim, na utilização de outras maneiras de organização e administração das aulas de História.

Por fim, concluímos que os desafios são inúmeros e muitos deles influem no dia a dia do professor de História, – foco da nossa pesquisa – quanto dos outros docentes, e que muitos dessas situações exigem um empenho desses profissionais na tentativa de superá-las. Se a esse esforço se juntasse a colaboração efetiva dos pais, da comunidade, dos governos, os desafios não deixariam de existir, mas não haveria de provocar tamanha desilusão em relação a uma profissão que é imprescindível para a existência de todas as outras.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMPOS, Maria. Feminização do magistério. In: CAMPOS, M. C. S. S.; GASPAR, V. L. (Org.). **Feminização do magistério: vestígios do passado que marcam o presente**. Bragança Paulista: USF, 2002.

CERRI, Luís Fernando. **Ensino de história e consciência histórica**. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

COSTA, Marisa Vorráber. **A pedagogia da cultura e as crianças e jovens das nossas escolas**. *A Página da Educação*. Disponível em: <http://www.apagina.pt/>. Acesso em: 17/06/2014.

FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. 2.ed., 5.reimpr. São Paulo: EDUSP, 2012.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GATTI, Bernadete Angelina (Coord.). BARRETTO, Elba Siqueira de Sá. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: UNESCO, 2009.

GHIRADELLI JR, Paulo. **História da educação brasileira**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

LAPO, Flavinês Rebolo; BUENO, Belmira Oliveira. Professores: desencanto com a profissão e abandono do magistério. **Cadernos de Pesquisa**, n, 118, mar. 2003. Disponível em. <http://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16830.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LOURO, G. **Gênero, sexualidade e educação**. 2ª Ed. Petrópolis, Vozes ,1998

_____, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MAIOLI, Edilene Eunice Cavalcante. **O desprestígio social na profissão docente: o ser professor/a nas series iniciais**. Salvador, BA: UFBA, 2004. Dissertação. (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

NÓVOA, Antonio (Org.). **Profissão professor: o passado e o presente dos professores**. 2.ed. Lisboa: Porto Editora, 1999.

NUNES, Maria Lúcia da Silva, et. al. Vocação, missão, profissão: a docência na visão de educadoras paraibanas. In: IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas "Histórias, Sociedade e Educação no Brasil", 9., 2012, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UFPB, 2012. p.319-332.

PENIN, Sônia Teresina de. **Profissão docente**. Salto para o Futuro. Brasília: Ano XIX, n.14, Outubro, 2009.

PRETTO, Nelson de Luca. **Uma escola sem/com futuro**. São Paulo: Papyrus, 1996.

SILVA, César Augusto Alves da. **Além dos muros da escola: As causas do desinteresse, da indisciplina e da violência dos alunos**. Campinas, SP: Papyrus, 2011.

SOBRINHO, Antônio Fávero. **O aluno não é mais aquele**. Anais do I Seminário Nacional: Currículo em movimento – Perspectivas atuais, Belo Horizonte, 2010.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Rio de Janeiro, Vozes, 2002.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 8.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

TURINI, Leide Divina Alvarenga. **A avaliação no Ensino de História.** UFE, Minas Gerais, 1995.